

Considerações sobre o estrato fonológico na descrição sistêmico-funcional de textos orais*

Considerations about phonological stratum in the systemic-functional description of oral texts

Camila Stephane Cardoso SOUSA (UFC)
camilacardoso@ufc.br

Ana Célia Clementino MOURA (UFC)
acmoura27@gmail.com

Recebido em: 05 de nov. de 2019.
Aceito em: 20 de ago. de 2020.

* Este trabalho foi apresentado no I Encontro Nacional em Linguística Sistêmico-Funcional, realizado em 07 de junho de 2019, e consiste em um recorte da tese de Sousa (2019).

SOUSA, Camila Stephane Cardoso;
MOURA, Ana Célia Clementino.
Considerações sobre o estrato fonológico na descrição sistêmico-funcional de textos orais.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 10, n. esp., p. 155-172, ago. 2020. DOI: 10.22168/2237-6321-9esp2031.

Resumo: A aplicação do aparato sistêmico-funcional às análises de textos instanciadores de gêneros orais em língua portuguesa, em geral, não considera aspectos do estrato fonológico. A fim de demonstrar sua relevância, em especial, para a descrição de textos orais, neste trabalho, buscamos: (1) estender o sistema de FUNÇÕES DE FALA à descrição de outras tipologias de textos orais para além da tipologia conversacional; e (2) demonstrar a aplicação descritiva dos aspectos entoacionais por meio dos sistemas de TOM, TONALIDADE, TONICIDADE e RITMO a fim de nortear a identificação da unidade semântico-discursiva de movimento. Nossa proposta segue o modelo de descrição do estrato fonológico, desenvolvido em Halliday e Greaves (2008), as aplicações ao português propostas por Cagliari (1981, 2012), bem como a proposta de relação entre os critérios prosódicos e o sistema semântico-discursivo de FUNÇÕES DE FALA, desenvolvido por Eggins (1990) e ampliado em Slade (1996) e Eggins e Slade (2006). Realizamos a análise do estágio de orientação de dois textos instanciadores de gêneros orais, narrativa ficcional e anedota, a partir das seguintes categorias: classe de movimentos, modos

oracionais, ritmo, tons e grupos tonais. Nossos resultados revelam a identificação de movimentos com base nos critérios prosódicos e lexicogramaticais em textos não conversacionais, constituindo sequências monológicas continuativas, que cumprem a função de prover mais informações dentro da narrativa, e sequências interacionais não continuativas, revelando que o aspecto interacional é resultado da funcionalidade de movimentos e não do número de participantes.

Palavras-chave: Narrativa ficcional. FUNÇÕES DE FALA. TOM. RITMO.

Abstract: The systemic-functional approach applied to the analysis of oral genres in Portuguese language, overall, does not take into account phonological aspects. We aim in this paper, to demonstrate the phonological stratum relevance, specially, regarding the description of oral texts: (1) to extend the *SPEECH FUNCTIONS* network to the oral texts typological description beyond the conversational typology; (2) to demonstrate the descriptive application of intonational aspects through *TONE*, *TONALITY*, *TONICITY* and *RHYTHM* systems in order to identify the *move* semantic-discursive unit. Our approach follows the phonological stratum description model, proposed by Halliday and Greaves (2008), the analysis in Portuguese occurrences, made by Cagliari (1981, 2012), as well as the proposal of a relationship between prosodic criteria and semantic-discursive system of *SPEECH FUNCTION*, proposed by Eggins (1990) and developed by Slade (1996) and Eggins and Slade (2006). We conducted an analysis of the orientation stage of two oral texts, a fictional narrative and a anecdote, based on the following categories: class of moves, mood, rhythm, tones and tonal groups. Our results reveal the identification of moves based on prosodic and lexicogrammatical criteria in non-conversational texts, constituting continuous monologic sequences, which fulfill the function of providing more information in the narrative, and non-continuous interactive sequences, revealing that the interactional aspect is a result of the functionality of moves and not the number of participants.

Keywords: Fictional narrative. *SPEECH FUNCTIONS* system. *TONE*. *RHYTHM*.

Introdução

A descrição de textos instanciadores de gêneros orais, tanto em língua inglesa quanto em língua portuguesa, a partir da Linguística Sistêmico-Funcional, tem especial desenvolvimento a partir dos trabalhos de Eggins (1990) e Slade (1996). Nesses trabalhos, conjugam-se aspectos contextuais, semântico-discursivos, lexicogramaticais e fonológicos para a descrição de textos, predominantemente de tipologias conversacionais, ainda que constituídos de partes, *chunks*, identificáveis a estágios de gêneros. Nesses trabalhos, o estrato fonológico cumpre papel ligado à identificação da unidade semântico-discursiva de *movimento*, definida como “uma unidade semântica interpessoal que compõe trocas realizadas diretamente pela oração e indiretamente pelo grupo tonal”¹ (SLADE, 1996, p. 227), e relacionada ao sistema de *NEGOCIAÇÃO*².

¹ Tradução nossa do original: “[...] na interpersonal, semantic unit making up exchanges realised directly by a clause and indirectly by a tone group” (SLADE, 1996, p. 227).

² Utilizamos versalete como notação para indicar sistemas específicos na proposta sistêmico-funcional.

Neste trabalho, objetivamos demonstrar a aplicação dos sistemas de TOM, TONALIDADE, TONICIDADE e RITMO à identificação de sequências de movimentos. Em língua portuguesa, desconhecemos trabalhos que investiguem a proposição de análise de textos orais, a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), considerando os sistemas próprios do estrato fonológico. Nos trabalhos de LSF atualmente no Brasil, até o ponto em que conseguimos mapear, a abordagem de tipos diversificados de textos orais, tão presente em nossos usos diários, carece do mapeamento de recursos prosódicos e, principalmente, da relação entre tais recursos e outros de natureza semântico-discursiva, motivados por critérios contextuais. Essa lacuna nos motiva a empreender a descrição de *gêneros* orais considerando os diversos recursos potenciais para a sua realização. Pretendemos, portanto, demonstrar um percurso de análise que integra os aspectos fonológicos, lexicogramaticais e semântico-discursivos.

Este trabalho está dividido, após esta breve introdução, em uma discussão acerca dos sistemas de TOM, TONALIDADE, TONICIDADE e RITMO que compõem o estrato fonológico, sob o viés da Linguística Sistêmico-Funcional; na seção de metodologia; na análise dos movimentos em estágios de orientação de textos instanciadores dos gêneros orais narrativa ficcional e anedota, e na seção de considerações finais.

O estrato fonológico na Linguística Sistêmico-Funcional

A investigação de textos pertencentes a tipologias conversacionais, na proposta sistêmico-funcional, passa pela observação de unidades discursivas e pela correlação destas a unidades gramaticais, como a oração.

A descrição das unidades de ato, movimento e troca, seja na proposta etnometodológica, seja na Análise de Discurso inglesa, apresenta critérios de correlação gramatical. Na Etnometodologia e Análise da Conversação, por exemplo, observa-se a tentativa de identificação de um determinado ato por meio da correspondência à unidade gramatical da oração. Na Análise de Discurso inglesa, também há a correspondência entre oração e movimento, sendo a primeira o critério de identificação do segundo, ainda que sejam necessários outros recursos para explicar a composição de sequências de movimentos, como é o caso da proposição de se observar a elipse gramatical para estabelecer os limites de um dado movimento³.

³ Para uma discussão acerca dessa correlação, cf. Eggins (1990).

A implementação do estrato fonológico na análise da conversação casual resulta da necessidade de identificação da unidade semântico-discursiva de movimento, conforme se observa em Eggins (1990). É necessária assim a coocorrência de unidades lexicogramaticais e fonológicas para assinalar a existência do movimento.

Tais unidades correspondem, no nível lexicogramatical, à oração do ponto de vista interpessoal, ou seja, a oração como troca, subdividida em Modo e Resíduo, e, no estrato fonológico, às unidades de ritmo, tonicidade e tom. Conforme indica Eggins (1990, p. 173):

[...] apenas associando a correlação dos limites do grupo tonal com os limites de constituintes gramaticais, as unidades identificadas como movimentos podem capturar tanto a base gramatical (como unidades às quais as funções de fala podem ser atribuídas), como as dimensões interacionais (como unidades variavelmente determinadas pela organização contínua da tomada de turno)⁴.

A coincidência, portanto, entre um grupo tonal e um constituinte gramatical, conforme se observa na citação, permite identificar um movimento a fim de que seja possível estabelecer sua extensão. Desse modo, é possível prever a composição de turnos de fala, evitando, por um lado, a correspondência biunívoca entre movimento e turno, assim como entre outras unidades semântico-discursivas e, por outro lado, permitindo uma descrição mais criteriosa dos movimentos complexos.

Adotamos a noção de movimento complexo, definido como “uma sequência de dois ou mais movimentos produzidos pelo mesmo falante, os quais são relacionados por elaboração, extensão ou realce e, em um primeiro nível de refinamento, realiza a mesma função de fala”⁵ (SLADE, 1996, p. 228). Conforme a função do movimento inicial se estenda para os demais movimentos que compõem a estrutura complexa, assinalamos uma classe de abertura, cuja função é prover informações em torno de um responsável modal realizado pelo sujeito *eu*, e uma classe de manutenção por continuação, que busca apenas prover mais informações adicionais, dessa vez, a partir de uma responsabilidade modal centrada em *alguém*.

⁴ Tradução nossa do original: “[...] merely associating the correlation of tone group boundaries with grammatical constituent boundaries, the units identified as moves can capture both the grammatical basis (as units to which speech functions can be assigned), and the interactional dimensions (as units variably determined by the on-going turn-taking organisation)” (EGGINS, 1990, p. 173).

⁵ Tradução nossa do original: “[...] a sequence of two or more moves produced by the same speaker which are related by elaboration, extension or enhancement and, at a primary level of delicacy, realise the same speech function” (SLADE, 1996, p. 228).

Uma vez que a identificação do movimento reside em critérios explícitos de descrição, a atribuição de funções de fala a cada movimento tende a ser mais clara. Do ponto de vista interacional, compreende-se o movimento como a unidade de negociação e, por conseguinte, o que leva os falantes a tomarem o turno continuamente para interagirem. Sua identificação, portanto, permite-nos recortá-lo de sua contínua ocorrência a fim de analisar sua função interpessoal e seu papel interacional.

Os critérios estabelecidos por Eggins (1990, p. 173), dentro do quadro da LSF, são assim sintetizados: “cada grupo tonal produzido por um único falante em um único turno na fala representa um movimento, CONTANTO QUE os limites do grupo tonal sejam coextensivos com os limites dos constituintes gramaticais”⁶. A essa condição, acrescenta-se que apenas uma escolha tonal é realizada.

Para Halliday (1989, p. 48), “a entonação [...] funciona no sistema léxico-gramatical: ela codifica alguns aspectos dos fraseados e, portanto, expressa diretamente contraste nos significados”⁷. Em Halliday e Greaves (2008), os significados textuais são relacionados diretamente ao sistema de tonicidade e os significados interpessoais estão ligados ao sistema de tom. O primeiro mapeia a organização do fluxo discursivo a partir da unidade central da proeminência tônica; o segundo permite verificar a organização modal da oração, a modalidade e a avaliatividade.

Halliday (1989) concebe as línguas, quanto ao tom, como tonais e não tonais, enquadrando-se o português nestas últimas. As línguas tonais apresentam uma função lexical marcada pelo tom (ascendente ou descendente). Nas línguas não tonais, o tom marca uma função gramatical, que, de acordo com Halliday (1989, p. 49):

A escolha da ENTONAÇÃO (o contorno tonal de uma oração ou frase) expressa alguns aspectos da função discursiva, usualmente tendo algo a ver com certeza ou dúvida; e o LOCAL DA PROEMINÊNCIA TONAL (onde a elevação ou queda principal no tom ocorre) usualmente apresenta alguma informação sobre como o discurso é organizado em mensagens, e o que se espera que o falante faça⁸.

⁶ Tradução nossa do original: “each tone group produced by a single speaker within a single turn at talk represents one move, PROVIDED THAT the tone group boundaries are coterminous with grammatical constituent boundaries” (EGGINS, 1990, p. 173).

⁷ Tradução nossa do original: “Intonation, on the other hand, functions in the lexico-grammatical system: it encodes some aspect of the wording, and therefore directly expresses contrasts in meaning” (HALLIDAY, 1989, p. 48).

⁸ Tradução nossa do original: “The choice of INTONATION (the pitch contour of a clause or phrase) expresses some aspect of the speech function, usually having something to do with certainty

Ao relacionar o contorno tonal às funções de certeza e dúvida, estabelece-se uma correspondência entre o estrato fonológico e o sistema de MODO e MODALIDADE, relativo à metafunção interpessoal, assim como sugere Halliday (1989), pondo em relação a entonação e os sistemas de modo e modalidade. Também se estabelece uma relação entre a proeminência tonal e textual (fluxo do discurso - “como o discurso é organizado em mensagens”).

Halliday (1989, p. 48) define entonação como “movimento melódico, o aumento e a diminuição do movimento melódico. Ritmo é a ‘batida’ da língua, que lhe dá uma organização no tempo. Ambos são recursos prosódicos: eles são parte do sistema da língua”⁹. Esse movimento melódico, incluindo-se a proeminência tônica, compreendida como a modificação mais significativa na curva melódica, ocorre ao longo de porções da fala (HALLIDAY; GREAVES, 2008).

Os aspectos prosódicos, na perspectiva sistêmico-funcional, tomam como ponto de partida descritivo a delimitação de uma unidade informacional, que, expressivamente, corresponde ao grupo tonal (HALLIDAY; GREAVES, 2008; CAGLIARI, 1981, 2007, 2012; CARVALHO; GEMENTI; CAGLIARI, 2011). Os autores descrevem a composição do grupo tonal a partir de dois elementos: Pretônico ^ Tônico, separados pela proeminência tonal manifestada por uma sílaba saliente. Halliday e Greaves (2008, p. 54) assim definem a proeminência tônica:

É o lugar onde ocorre a maior quantidade de movimento melódico, em relação à faixa de movimento melódico que está disponível à medida em que o alcance potencial diminui de um amplo potencial no início da unidade de tom para um potencial muito mais limitado no final.

As barras duplas (//) marcam as fronteiras do grupo tonal, neste caso, coincidente com a oração, compondo uma unidade não marcada. Cada barra simples (/) marca um pé fonológico composto de pelo menos uma sílaba acentuada e possíveis sílabas não acentuadas. Cada grupo tonal apresenta, pelo menos, uma sílaba saliente, que configura a proeminência tonal. Halliday e Greaves (2008) asseveram que a proeminência tonal marca o *foco* que o falante dá a uma dada

or doubt; and the LOCATION OF PITCH PROMINENCE (where the main fall or rise in pitch occurs) often carries some information about how the discourse is organized into messages, and what the listener is expected to attend to” (HALLIDAY, 1989, p. 49).

⁹ Tradução nossa do original: “[...] the melodic movement, the rise and fall in pitch. Rhythm is the ‘beat’ of the language, which gives it an organization in time. Both are prosodic features: they are part of the system of the language” (HALLIDAY, 1989, p. 48).

informação em sua fala. As barras duplas verticais (||) indicam a fronteira entre o componente pretônico e o tônico, a exemplo da transcrição que Cagliari (2012) faz com base no modelo de Halliday.

Ritmo

Halliday (1989) e Slade (1996) mostram que o ritmo cumpre funções relacionadas à organização da métrica, à marcação dos pés fonológicos e à identificação da proeminência tônica, que está diretamente ligada ao contorno entoacional.

Embora Halliday (1989, p. 48) afirme que “a função do ritmo é interna ao sistema fonológico: isto é, ele impõe organização aos sons da língua, particularmente o padrão das sílabas, mas não expressa por si mesmo contrastes no significado” , é importante considerar que as marcações operadas pelo ritmo, tais como organização dos pés fonológicos, ajudam-nos a identificar as batidas, que, por extensão, influenciam na proeminência tonal. Essa proeminência auxilia na organização da mensagem em porções informacionais, que desempenham especial papel no fluxo informacional.

Além da formação da métrica, dos pés e das sílabas, marcados pelo ritmo, consideraremos a pausa como um recurso rítmico que apresenta influências sobre estruturas gramaticais. É importante considerar o grau de monitoramento para os diferentes registros como forma de controle do ritmo. Para Halliday (1989), quanto maior o grau de consciência que temos da fala, o que consideraremos como grau de monitoramento, menor é a sistematicidade do ritmo. Conversações casuais do dia a dia tendem assim a manter uma sistematicidade rítmica maior na medida em que o grau de monitoramento tende a ser reduzido.

Tonicidade e tom

Como já foi apresentada na noção de ritmo, as unidades do pé fonológico não apresentam contraste de significado no tocante à influência dos aspectos suprasegmentais sobre os estratos lexicogramaticais e semântico-discursivos. Halliday (1989, p. 53) apresenta, como unidade entoacional significativa, o grupo tonal. Para ele, “o grupo tonal representa um segmento significativo do discurso. Cada grupo tonal é, por assim dizer, uma porção da mensagem, o modo pelo qual o falante a organiza enquanto progride” e corresponde assim à tonicidade e outra propriedade ligada à seleção de grupos melódicos

correspondente ao tom. Conforme já foi dito, a proeminência tônica ou tonicidade é responsável por organizar dados informacionais no discurso.

Conforme afirma Halliday (1989), a regulação informacional depende, em parte, do contexto situacional, uma vez que envolve o momento do discurso. Uma informação pode ser caracterizada como nova se um dado objeto de discurso está à disposição dos interactantes na situação em que se pronunciam. Halliday (1989, p. 55) sinaliza uma correlação entre a natureza da informação dada-nova e figura-fundo, visto que “o ‘dado’ constitui o terreno contra o qual este ‘novo’ é feito para figurar”. Ao caracterizar a estrutura não marcada de manifestação das informações dadas e novas, podemos estabelecer uma proximidade também entre o par dado-novo e tema-rema, visto que a manifestação prototípica consiste de uma informação nova obrigatória em que incide a proeminência tonal, precedida e/ou seguida de informações dadas.

Halliday (1989) nos mostra que a proeminência tônica marca a informação nova dentro de uma unidade informacional em torno da qual se organizam as informações dadas, seguindo-se a disposição: informações que precedem o grupo tonal podem ou não ser informações dadas; informações que sucedem, dentro de um mesmo grupo tonal, a proeminência tônica configuram informações dadas.

No que diz respeito ao tom, Halliday (1989, p. 57) define sua implicação semântica como “a ‘chave’ de um movimento particular no discurso”. O sistema de tom apresenta cinco tons simples e dois tons compostos, que regulam aspectos de ascendência e descendência tonal, conforme se observa abaixo:

- Tom 1 (tonalidade descendente)
 - Tom 2 (tonalidade ascendente)
 - Tom 3 (tonalidade baixa ascendente)
 - Tom 4 (tonalidade descendente-ascendente)
 - Tom 5 (tonalidade ascendente-descendente)
 - Tom 13 (descendente + baixa ascendente)
 - Tom 53 (ascendente-descendente + baixa ascendente) ¹⁰
- (HALLIDAY, 1989, p. 53-54)

¹⁰ Tradução nossa do original:

“ tone 1 fall
tone 2 rise
tone 3 low rise
tone 4 fall-rise
tone 5 rise-fall
tone 13 fall + low rise
tone 53 rise-fall + low rise” (HALLIDAY, 1989, p. 53-54).

Halliday e Greaves (2008) ressaltam a correspondência existente entre as funções de fala, os tons primários e os modos oracionais. Para os autores, o sistema de TOM combinado ao sistema de MODO realiza as unidades do sistema de FUNÇÕES DE FALA. As realizações típicas estão sintetizadas no quadro 01:

Quadro 01 – Realizações dos movimentos por modos oracionais e tons

FUNÇÕES DE FALA	realização pelo MODO	realização pelo TOM
declaração	Declarativo	descendente (tom 1)
questão: polar	Interrogativo: sim / não	ascendente (tom 2)
questão: não polar	Interrogativo: QU-	descendente (tom 1)
comando	Imperativo	descendente (tom 1) ou ascendente médio-baixo (tom 3)
oferta	(vários)	(vários)

Fonte: traduzido de Halliday e Greaves (2008, p. 110).

As funções de fala primárias, como se pode observar, são realizadas, tipicamente, mas não exclusivamente, pela combinação entre modos oracionais específicos e por tons específicos. O desenvolvimento da rede de escolhas de funções de fala a partir Eggins (1990) envolve ainda mais graus de refinamento e, conseqüentemente, realizações por modos oracionais e tons de forma mais complexa.

Metodologia

Neste trabalho, buscamos analisar o estágio de orientação de dois textos instanciadores dos gêneros orais narrativa ficcional e anedota. A escolha dos gêneros se deve à sua natureza, muitas vezes, monologal, quando centrada em um único locutor, o que leva à hipótese de que suas sequências de movimentos são continuativas.

A narrativa é um gênero da família de histórias e, neste trabalho, é denominada *narrativa ficcional* para diferenciá-la de gêneros pertencentes à família de histórias factuais. A narrativa se caracteriza pelo propósito comunicativo de “resolver uma complicação em uma história”¹¹ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 345) e por ser organizado nos seguintes estágios: orientação, complicação, avaliação e resolução.

¹¹ Tradução nossa do original: “resolving a complication in a story” (MARTIN; ROSE, 2007, p. 345).

Já as anedotas são gêneros inseridos dentro das histórias e tem por propósito comunicativo “compartilhar uma reação emocional”¹² (MARTIN; ROSE, 2008, p. 56). Seus estágios são: orientação, rememoração de eventos e reação.

O estrato fonológico do nível linguístico proposto na LSF foi utilizado neste trabalho como modo de identificar os movimentos, permitindo assim delimitar as unidades semântico-discursivas. Para averiguar a coextensão das unidades semântico-discursivas, lexicogramaticais e fonológicas, nosso procedimento no processo de identificação consistiu em: (a) Localizar as unidades lexicogramaticais a fim de estabelecer os limites da oração; (b) Fazer a marcação da tonicidade; (c) Fazer a marcação das pausas; (d) Reconhecer a proeminência tonal; (e) Identificar o tom com base na oscilação de ascendência e descendência em torno da unidade pretônica e tônica.

Buscamos também verificar a análise acústica no *software* PRAAT a fim de ter parâmetros mais objetivos para a identificação do tom, no entanto, fazemos a ressalva de que nem o equipamento utilizado foi o mais adequado para os parâmetros de uma análise acústica, nem as situações seguiram as orientações próprias de uma análise experimental, em especial, porque não era o objetivo deste artigo. Cumpre ressaltar que o uso do *software* não visava pautar uma análise de natureza acústica, mas fornecer amparo à compreensão desse nível de análise.

Ressaltamos que, em razão dos passos adotados, os seguintes sistemas foram mobilizados para a identificação dos movimentos:

- (a) **TONICIDADE:** marcação das sílabas tônicas, identificação da proeminência tônica, identificação das unidades pretônica e tônica, definição do contorno melódico; assinalação do *foco informacional*.
- (b) **TONALIDADE:** delimitação dos grupos tonais; assinalação da *distribuição informacional*.
- (c) **TOM:** atribuição dos tons às unidades oracionais; assinalação das relações lógico-semânticas, as funções de fala e os significados avaliativos.

¹² Tradução nossa do original: “[...] to share an emotional reaction” (MARTIN; ROSE, 2008, p. 56).

Os dois primeiros estão ligados prioritariamente aos significados textuais, dentre os quais se salienta o sistema semântico-discursivo de PERIODICIDADE e os lexicogramaticais de TEMA-REMA e DADO-NOVO, em que não nos detivemos neste trabalho. No entanto, os recursos desses sistemas foram necessários para a verificação da coextensão entre um tom, uma oração e um movimento.

No que concerne à realização de significados interpessoais, Halliday e Greaves (2008) pontuam que o sistema de TOM deve ser correlacionado em primeira instância ao sistema lexicogramatical de MODO, mais do que aos valores semântico-discursivos. Desse modo, buscamos verificar a congruência entre os tons, os modos oracionais e os movimentos, seguindo como parâmetro a correlação proposta pelos autores.

Movimentos complexos no estágio de apresentação/orientação de narrativa ficcional e de anedota

Empreendemos, nesta seção, a análise de dois textos instanciadores dos gêneros orais narrativa ficcional e anedota. O segundo ganha destaque na análise pelo aspecto interacional de sua sequência de movimentos.

No quadro 02, sintetizamos as indicações dos tons, das orações e dos movimentos referentes à orientação da narrativa ficcional. As três orações, por constituírem movimentos relacionados por extensão e realizarem uma mesma função de fala, a de abertura, compõem um movimento complexo.

Quadro 02 - Movimentos no estágio de apresentação em narrativa ficcional

Turno	Movimento	Falante	Transcrição
Orientação			
1	1a	L1	//4 Meu /nome é K/...
	1b		//4 eu /tenho /dez /a:no
	1c		//1 eu vou con/tar a his/tória da:: /^Enro/ lada

Fonte: adaptado de Sousa (2019).

No quadro 02, a função do movimento 1a consiste em dar informações factuais. Uma vez que os movimentos seguintes manifestam a mesma função de incorporar novas informações à cadeia da fala produzida por L1, relacionados estruturalmente por recursos

lógico-semânticos implícitos de expansão, classificamos a sequência 1a-1c como um movimento complexo de abertura. A presença do tom 4 nos movimentos 1a e 1b anuncia o acréscimo de mais informação e só encontra conclusão no último movimento da apresentação, realizado pelo tom descendente. Observa-se que a breve sequência monologal mobiliza um único movimento de abertura.

Na apresentação da narrativa ficcional, o movimento complexo é resultado de relações de expansão por extensão. Eggins e Slade (2006) apresentam os modos congruentes referentes a cada movimento de sua rede de funções de fala e indicam que, para movimentos de abertura com funções de declaração factual, são selecionadas orações declarativas. Uma vez que o tom 1 expressa a realização desse modo oracional, seria de se esperar que cada unidade no movimento complexo fosse realizada pelo tom descendente. No entanto, 1a e 1b são realizados por meio de tom 4 para indicar que mais informação será acrescentada, encerrando-se no movimento 1c, congruentemente realizado pelo tom 1.

Na análise da anedota, aplicamos os mesmos procedimentos metodológicos para a identificação dos movimentos. Note-se a indicação dos tons, da tonalidade, dos grupos tonais e do ritmo relacionados aos modos oracionais declarativos (1a, 1c parcialmente, 1e, 1g), interrogativos (1b e 1d) e imperativos (1c parcialmente).

Consideremos a organização da troca presente no estágio de apresentação no quadro 03. Ao longo da anedota, outros interlocutores passam a compor as trocas ao lado do locutor primário, no entanto, na troca inicial, podemos considerar que sua composição resulta da alocação de um único falante, o que nos levaria à descrição de movimentos de abertura e continuação¹³, tal como no quadro 02.

Observe-se, sobretudo, os movimentos presentes na correlação entre 1a, 1b e 1c, e os movimentos 1e, 1f e 1g.

¹³ Consideramos movimentos de continuação um subtipo de movimentos de manutenção em que o respondente mantém a função locutiva. Um outro subtipo seriam os movimentos de reação em que ocorre uma transposição interlocutiva.

Quadro 03 – Movimentos no estágio de apresentação em anedota¹⁴

Turno	Movimento	Falante	Transcrição
Orientação			
1	1a	L1	//1 [ø] Bem -vindos ao ca/nal do I/saac
	1b		//2 Mas /quem /é I/saac
	1c		//1 S'eu / f ala /meus an/jinhos
	1d		//2 Tudo /bem com vo/ cês
	1e		//1 Hoje /eu es/tou a/ qui ^ no Wal/ mart
	1f		//3 E / não
	1g		//1 ^nã /é publici/ da de] ^a _{-b}

Fonte: adaptado de Sousa (2019).

No bloco de movimentos em que se inserem 1a-1c, podemos admitir, a partir do modelo proposto, três interpretações para sua descrição. A primeira interpretação, em virtude da conjunção explícita *mas*, pode suscitar a classificação de 1a e 1b como movimentos complexos, por meio de expansão por extensão. Nesse caso, 1a e 1b apresentariam função primária de abertura e 1c poderia ser descrito como movimento de continuação. Essa interpretação esbarra em dois problemas: a ausência de valor contrastivo ou mesmo aditivo entre 1a e 1b e a diferença entre as funções dos dois movimentos. Do ponto de vista conjuntivo, as duas orações mantêm entre si uma relação de independência; do ponto de vista da função semântico-discursiva, 1a tem por propósito angariar a atenção da audiência, já 1b demanda uma informação específica, de que o próprio locutor já dispõe. Nesse sentido, a primeira interpretação não é coerente, segundo os parâmetros de conjunção e de funções de fala.

Uma segunda interpretação nos leva a considerar 1a como movimento de abertura e os movimentos 1b e 1c como continuativos. No entanto, a única função passível de ser atribuída a ambos os movimentos seria considerá-los como prolongamentos por extensão. Ainda que 1c pareça cumprir essa função de prover mais informação sobre a identidade de Isaac, 1b parece realizar congruentemente uma questão (tom 2, ascendente) e o modo interrogativo, o que indica a demanda por informação e não seu acréscimo. Assim, 1b não parece dar continuidade ao movimento de abertura.

¹⁴ ISAAC DO VINE. Comprei tudo que eu queria em 2 minutos no Walmart. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5wFyxBDZOIc>. Acesso em: 11 de maio de 2019.

Diante disso, podemos admitir uma terceira interpretação que seria considerar duas trocas diferentes, em que 1a e 1b constituem movimentos de abertura, sendo 1c um movimento de continuação que compõe, juntamente com 1b, uma sequência continuativa. Segundo essa descrição, 1b cumpre a função de pedir uma informação factual, informação essa já disponível ao locutor, e 1c, a de prolongar a troca para fornecer a informação “faltante”.

As três interpretações, no entanto, parecem não explicitar a natureza do par questão-resposta em 1b e 1c, já que todas as opções previstas no modelo para a realização de um mesmo falante preveem movimentos de abertura ou de continuação. Se considerarmos a função do movimento 1b como “conseguir informação adicional necessária para compreender um movimento anterior” (EGGINS; SLADE, 2006, p. 213), precisamos considerá-lo como um movimento de reação, atribuível somente a trocas cuja audiência apresente dois ou mais interactantes.

A interpretação mais viável, parece-nos, é considerar 1a como movimento de abertura, 1b como movimento de reação, cuja função é esclarecer uma informação presente no movimento 1a, e 1c como reação, cujo propósito é fornecer uma resposta informativa demandada em 1b. Teríamos, com isso, uma única troca composta por 1a, 1b e 1c, estruturalmente organizada como uma sequência interacional. Para isso, precisamos considerar outros parâmetros que priorizem aspectos funcionais em torno da configuração da audiência e da alocação dos turnos de fala a fim de propor uma solução que minimize a dependência de fatores empíricos e de critérios como a quantidade de falantes.

No que diz respeito ainda à relação entre os movimentos primários e os papéis de interactantes, vejamos o conjunto dos movimentos 1e, 1f e 1g. Novamente, poderíamos hipotetizar três interpretações: (a) uma única estrutura de troca em que 1e desempenha a função de abertura, e 1f e 1g são continuativos; (b) uma única estrutura de troca, composta por um único movimento de abertura realizado por um movimento complexo; e (c) duas estruturas de troca cujos movimentos de abertura seriam, respectivamente, 1e e 1f, sendo 1g um movimento de continuação componente da estrutura de troca iniciada em 1f.

Para descrever tais sequências como uma única troca (primeira hipótese), há de se considerar uma relação estrutural de Modo entre as três orações. Em 1e, a informação negociada se dá em torno do sujeito *eu*, do tempo presente marcado pelo finito, da polaridade positiva e da

ausência de modalidade. Já em 1g, a negociação da polaridade negativa não recai sobre o mesmo sujeito e a validade da proposição difere da que é negociada em 1e, ou seja, modifica-se a responsabilidade modal e, com isso, a relação estrutural pautada nos recursos de Modo, portanto, não se aplica à primeira interpretação.

A segunda interpretação embasada na descrição das orações como um movimento complexo não reflete as condições de relação por conjunção, visto que não há vínculo por expansão entre 1e e 1f, mas entre 1f e 1g, tampouco as funções manifestadas pelos movimentos são as mesmas.

A terceira possibilidade, que prevê a descrição de duas trocas iniciadas respectivamente em 1e e 1f, deve considerar a realização de movimentos de aberturas por meio de orações completas sem relações de dependência elíptica com movimentos anteriores. Tal critério endossa a classificação de 1e como movimento de abertura, no entanto, 1f apresenta todos os elementos estruturais elípticos, à exceção do marcador de continuidade e da polaridade. A elipse em 1f sugere então um vínculo estrutural com um movimento anterior não atualizado sintagmaticamente.

A negociação da polaridade que se revela em 1f não parece retomar estruturalmente elemento algum de 1e. Diante desse quadro, parece-nos que o mais viável seja descrever 1f e 1g a partir de um movimento de abertura pressuposto por meio de uma oração elíptica. A estrutura de dependência estrutural pode assim ser composta:

((L2: [∅] é publicidade))
 L1: E [∅] não [∅]
 L1: [∅] não é publicidade

O movimento realizado por L1 cumpre a função de contradizer um potencial movimento anterior. Insere-se, portanto, na rede de movimentos de [reação] e envolve os subtipos [confrontar] : [engajar] : [negociar] : [responder] : [rejeitar] : [direto]/[discordar] : [contradizer]. Mesmo considerando essa interpretação, a verificação e quantificação de interlocutores empíricos não parece ser o critério aqui, mas, sim, a pressuposição dos papéis interacionais e participativos, em que é possível presumir a oração elíptica.

Em síntese, se compararmos o estágio de apresentação nos quadros 02 e 03, percebemos, respectivamente, a indicação de uma

sequência continuativa e a mescla entre sequências continuativas e não continuativas, em razão dos potenciais papéis interacionais. No quadro 02, a função do movimento 1a consiste em dar informações factuais. Uma vez que os movimentos seguintes manifestam a mesma função de incorporar novas informações à cadeia da fala produzida por L1, relacionados estruturalmente por recursos lógico-semânticos implícitos de expansão, classificamos a sequência 1a-1c como um movimento complexo de abertura. A presença do tom 4 nos movimentos 1a e 1b anuncia o acréscimo de mais informação e só encontra conclusão no último movimento da apresentação, realizado pelo tom descendente. Observa-se que a breve sequência monologal mobiliza um único movimento de abertura, cujos papéis interacional e participativo são, respectivamente, os de locutor atual e precursor.

No quadro 03, observam-se duas sequências interacionais: (1) a primeira composta pelos movimentos de [abertura] : [atendimento] (1a), de [reação] : [réplica] : [rastreamento] : [esclarecimento] (1b) e de [reação] : [resposta] : [apoio] : [resposta] : [resposta informativa] (1c); (2) a segunda composta pelos movimentos simples de [abertura] : [dar informação factual] (implícito entre 1e e 1f) e complexos de [reação] : [resposta] : [confrontar] : [responder] : [contradizer] (1f e 1g). Para interpretarmos as duas sequências como interacionais, assumimos que 1b é produzido pela transposição de um interlocutor potencial à posição de locutor, de modo explícito, ou seja, há a projeção explícita de um interlocutor. Isso decorre, possivelmente, da antecipação de uma reação da audiência – potenciais seguidores – que, em virtude da expansão tanto espacial como temporal não se acham inseridos na situação de produção do vídeo. Já em 1c, ocorre novamente a transposição de interlocutor, dessa vez, para um interlocutor atual explícito, visto que L1, tendo assumido o papel de interlocutor em 1b, reassume o papel de locução em 1c a fim de fornecer a informação solicitada. Em 1f e 1g, que compõem uma reação, o movimento de abertura é instaurado por um potencial locutor implícito. São os recursos elípticos e de polaridade que projetam o movimento pressuposto, que pode ser justificado também pela antecipação de informações provenientes de uma audiência deslocada espacial e temporalmente. Não só o locutor antecipa essa pressuposição, como instaura seu posicionamento mediante a realização de um movimento de confronto, marcando um desalinhamento em relação a qualquer audiência que atualize o papel de locutor então pressuposto.

Considerações finais

Os critérios previstos pela proposta teórico-metodológica da LSF, portanto, se aplicam à descrição de tipos de textos instanciadores dos gêneros orais. No entanto, assim como há uma expansão dos critérios lógico-semânticos potenciais para demonstrar a integração entre movimentos complexos, sequências monologais e sequências interacionais, parece-nos também que a modificação na realização dos tons em relação aos modos oracionais deve considerar a descrição dos valores lógico-semânticos.

Ainda que de modo bastante indicial, nossa proposta pautada nas correlações entre o sistema semântico-discursivo de FUNÇÕES DE FALA e os recursos de sequenciação e progressão monologal/interacional parece depender das configurações rítmicas e da (não) congruência do sistema de TOM. Esse campo de investigação parece ainda bem incipiente, sendo mencionado pontualmente por Eggins (1990), Slade (1996) e Eggins e Slade (2006), mas, até onde nos foi possível mapear, ainda bastante inexplorado na LSF.

Para identificar e atribuir a funcionalidade das unidades semântico-discursivas, utilizamos os estratos lexicogramatical, por meio do sistema de MODO, e fonológico, via sistemas de RITMO, TONICIDADE, TONALIDADE e TOM. Salientamos, contudo, a necessidade de aprofundar fenômenos, como os de adiamento e adiantamento, uma vez que sua configuração rítmica altera a coocorrência dos grupos tonais, da unidade oracional e da seleção de tom para identificação de movimentos. Consequentemente, a configuração de movimentos e de sua sequência é afetada pela modificação rítmica, o que pode interferir na realização de sequências continuativas e não continuativas. Justificam-se, pois, futuras pesquisas que investiguem esses fenômenos.

Referências

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. 192 f. Tese (Livre-docência) – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1981.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Entoação e fonologia. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41 (1), p. 8–22, jan–abr. 2012.

CARVALHO, Mariane; GEMENTI, Mariana Moretto; CAGLIARI, Luiz Carlos. Uma análise interpretativa dos valores acústicos e auditivos dos padrões entoacionais de alguns dados do Português Brasileiro. In: COLÓQUIO BRASILEIRO DE PROSÓDIA DA FALA, 3., Belo Horizonte, 2011. **Anais...** Belo Horizonte, v.1., 2011, p. 32-38.

EGGINS, Suzanne Elizabeth Raine. **Keeping the conversation going: A systemic-functional analysis of conversational structure in casual sustained talk.** 1990. 312 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística – Universidade de Sydney, Sydney, 1990.

EGGINS, Suzanne Elizabeth Raine; SLADE, Diana. **Analysing Casual Conversation.** 2. ed. Equinox Publishing, 2006.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; GREAVES, William Southworth. **Intonation in grammar of English.** London, Oakville: Equinox Publishing, 2008.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Spoken and written language.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Genre relations: mapping culture.** London: Equinox Publishing Ltd., 2008.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working with discourse: meaning beyond the clause.** 2. ed. London: Continuum, 2007.

SLADE, Diana. **The texture of casual conversation: a multidimensional interpretation.** 1996. 309 f. Tese (Doutorado em Semiótica) – Universidade de Sydney, Sydney, 1996.

SOUSA, Camila Stephane Cardoso. **Crítérios para a descrição de textos orais sob a concepção da Linguística Sistemico-Funcional.** 2019. 132 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.